



Conselhismo e Bordiguismo*

Lucas Maia**

Objetivamos com este texto abordar a relação entre bordiguismo e conselhismo. Apresentamos inicialmente o que é o bordiguismo, sua origem e alguns aspectos de seu desenvolvimento histórico. Em seguida apresentamos os elementos estruturais da concepção conselhistas, para enfim, discutirmos os pontos de concordância, bem como os tencionamentos presentes nas duas abordagens.

A tendência bordiguista constrói-se em torno da militância teórica e prática de Amadeu Bordiga. Bordiga entra no Partido Socialista Italiano – PSI – em 1910. Considerando que o partido estava abandonando sua posição socialista, funda uma ala denominada “*marxistas intransigentes*”. Sempre em oposição ao que denominava de direita do partido, Bordiga desenvolve sua militância num clima de oposição, mas ao mesmo tempo de busca em evitar ao máximo a criação de fração dentro do partido. Isto não impediu, contudo, que em 1912, um conjunto considerável de militantes que estava em torno dele saísse em bloco do PSI. Criou por esta época O “*Círculo Socialista Karl Marx*”. O curioso é que a ala reformista em 1914 sai em bloco do partido e ele retorna assumindo cargos de direção (Bourrinet, 2007).

Em 1918, a tendência “*marxismo intransigente*” de Bordiga une-se à tendência “*comunista abstencionista*”, formando uma importante ala dentro do partido. Em 1921 funda-se o Partido Comunista Italiano – PCI, como seção da III Internacional. Bordiga entra para o partido e irá exercer grande influência no desenrolar das atividades e concepções do PCI. Como membro do partido dentro da Internacional Comunista, Bordiga defendia a todo custo a permanência do partido dentro do seio da Internacional,

* Artigo publicado originalmente em Revista Espaço Acadêmico,

** Professor do IFG – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás e Doutor em Geografia/UFG.



pois acreditava que a única forma de articulação internacional do movimento revolucionário do proletariado passava por ali. Não concebia um movimento revolucionário sem partido e nem sua articulação mundial sem a Internacional¹.

Bordiga defendeu o partido durante toda sua vida como a única organização capaz de conduzir o proletariado rumo à revolução: “O verdadeiro instrumento da luta de libertação do proletariado, e primordialmente da conquista do poder político, é o *partido de classe comunista*” (Bordiga, 1981, p, 185a) (grifos no original).

Apesar de defensor de várias teses de Lênin, foi um caloroso crítico quando este buscava impor suas concepções acerca da revolução russa para outros países, principalmente na Europa. Bordiga foi criticado no panfleto “*O Esquerdismo: doença infantil do comunismo*” de Lênin, pois defendia o abstencionismo. Procurou a todo custo diferenciar-se tanto dos autores que vinham na esteira da organização conselhistas dos trabalhadores na Alemanha, Holanda e na própria Itália, como também dos anarquistas em sua crítica ao parlamentarismo. Afirmou na sua polêmica com Lênin no II Congresso da III Internacional:

Enfim, desde que se reconheceu as teses por mim propostas apoiam-se em princípios puramente marxistas e não têm nada em comum com os argumentos anarquistas e sindicalistas contra o parlamentarismo, espero que sejam votadas pelos companheiros antiparlamentaristas que as aceitam em bloco e no seu espírito, endossando as considerações marxistas que lhes servem de base (Bordiga, 1981, p. 198b).

Nestes dois pontos vemos as aproximações e distanciamentos profundos entre os conselhistas e as posições de Bordiga. Se Bordiga era abstencionista, os conselhistas também o eram. Ambos viam no parlamento burguês nada mais que a representação do poder burguês. Tanto para fins de transformação como defendia a socialdemocracia, como para fins de propaganda como defendia o bolchevismo, a atuação no parlamento era essencialmente contrarrevolucionária. Diria Bordiga, sobre a constituinte:

¹ Para uma análise da constituição do bordiguismo cf. (Bourrinet, 2007).



É uma assembleia nacional, eleita, se quisermos, por ampla margem de votos, que, como tem função legislativa, é chamada a discutir e estabelecer uma nova constituição política do estado. *Trata-se da ampliação máxima do conceito burguês de soberania popular* (Bordiga, 1981, p. 178a) (Grifos meus).

Posição semelhante pode ser observada, por exemplo, em Anton Pannekoek, uma das maiores expressões do comunismo de conselhos, quando em sua obra “*Os Conselhos Operários*”, criticando a ideologia e a prática da democracia, afirma:

El sufragio universal que ya no esta limitado artificialmente les sirve de portavoz. Todo grupo de defensa de nuevos intereses puede influir en el sistema legislativo, según su importancia y su fuerza. *De este modo, la democracia parlamentaria es la forma política que conviene al capitalismo, tanto ens sus comienzos como en el curso de su desarrollo* (Pannekoek, 1977, p. 198/199). (grifos meus)

E logo à frente, sobre os parlamentares, guardiães da democracia, afirma:

Se acostumbran con a ser los guardianes de dichos intereses y a tratar dichos problemas con la visión de la sociedad existente. Se convierten en políticos profesionales que, como los otros partidos, forma un poder aparte, casi independiente, por encima del pueblo (Pannekoek, 1977, p. 199)²

A posição dos conselhistas com relação ao parlamentarismo é bastante clara, visto que estes o veem como única e exclusivamente um palco da luta política burguesa, devendo ser, portanto, completamente rejeitado pelo proletariado quando em luta. De qualquer forma, há neste aspecto uma confluência entre a posição de Bordiga e dos conselhistas. Com relação ao segundo aspecto, o partido político, há um total antagonismo entre as duas concepções. Bordiga o defendeu até o fim de sua militância, os conselhistas se constituíram enquanto tal negando completamente os partidos: socialdemocratas, bolcheviques e todos os outros.

² Tese semelhante pode ser encontrada em Ruhle (2007), Wagner (2007), bem como em vários outros autores conselhistas.



O relacionamento entre Bordiga e a esquerda germano-holandesa (Otto Rühle, Anton Pannekoek, Herman Gorter etc.) se dará em torno fundamentalmente deste debate. Veja por exemplo a avaliação que Bordiga faz do KAPD³ em 1920:

El partido politico, según la oposición [o KAPD], no tiene una importancia preponderante en la lucha revolucionaria. Esta deve desarrolarse en el terreno económico, sin dirección centralizada... (esta tendencia) niega toda importancia a la acción política y a la del partido em general, es decir, (niega el) partido politico como instrumento central de la lucha revolucionaria y de la dictadura del proletariado (Bordiga citado por Bourrinet, 2007, p. 37).

Voltaremos a esta questão mais à frente, quando debatermos a posição dos conselhistas diante dos bordiguistas. Outra divergência de fundo que aparece não mais somente com relação a Bordiga, que abandona sua militância em 1926 só retornando em 1944, mas com os bordiguistas propriamente ditos, ou seja, aqueles que eram partidários de todas ou de algumas teses deste autor, diz respeito à apreciação com relação à revolução russa. Dois grupos: “*Réveil Communiste*” e “*L’Ouvrier Communiste*”, no final dos anos de 1920 e início da década de 1930 apresentaram algumas semelhanças com relação à esquerda germano-holandesa: crítica dos partidos, do parlamento, defesa dos conselhos operários etc., mas divergiram quanto à natureza do processo que se deu na Rússia, principalmente a partir de outubro de 1917, quando os bolcheviques deram o golpe de estado.

Para os conselhistas, a revolução russa após outubro de 1917 foi uma ação blanquista, jacobina, burguesa, visto caracterizar-se primordialmente pela tomada do poder estatal pelos bolcheviques via golpe de estado. A partir deste momento, criou-se as condições para que o Partido Comunista criasse forças institucionais para

³ KAPD – Partido Comunista Operário Alemão. Dissidência do KPD – Partido Comunista Alemão. Este é dissidência do USPD – Partido Social Democrata Independente da Alemanha, que por sua vez é dissidência do SPD – Partido Social-Democrata da Alemanha. Está nas declarações de fundação do KAPD que ele não é um “partido no sentido tradicional do termo”, ou seja, embora tenha mantido o uso da palavra partido, suas práticas e concepções em nada se aproximam de um partido político. Para mais informações sobre a formação da esquerda germano-holandesa Cf. Authier (1975), Gombin (1972), Maia (2010) etc.



paulatinamente tomar todo o poder aos *soviets* ou conselhos operários. Os bordiguistas italianos viam ainda o caráter proletário da revolução russa, só identificando a contrarrevolução após a publicação da Nova Política Econômica – NEP no décimo Congresso do Partido Comunista Russo ocorrido em 1921.

Estes dois grupos, muito influenciados pela esquerda germano-holandesa, não passavam de uma pequena minoria que se aglutinou em torno de Papalardi e realizaram uma certa atividade de 1927 a 1931. Posteriormente, a esquerda italiana afirma cada vez mais suas divergências com estes grupos, articulando-se em torno de Otorrino Perrone e Hardt Michell, que aprofundam as teses de Bordiga.

O desenvolvimento desta esquerda acompanha naturalmente o desenrolar das lutas de classes em escala internacional. A emergência do fascismo em vários países europeus representa um grave recuo das organizações operárias, ficando estas reduzidas a pequenos grupúsculos. A esquerda italiana foi um destes. Isto não impediu, contudo, que os anos de 1930 e 1940 significassem um período de balanço e discussões teóricas sobre o prosseguimento das lutas de classes, as possibilidades revolucionárias, o desenvolvimento capitalista etc. É justamente nestas décadas que a esquerda bordiguista italiana publica alguns periódicos que ilustram bem esta característica. São eles: *Prometeo*, *Bilan*, *Communisme* e *Octubre*.

Estes periódicos são a expressão clara da perspectiva bordiguista até a segunda guerra mundial. Em que pese não tenham tido polêmicas diretas com os conselhistas, suas teses divergem em vários aspectos das concepções defendidas por estes autores. Vamos destacar aqui a questão do partido, dos sindicatos e da revolução russa.

Com relação ao partido, não há muito o que dizer, já que a posição que estes bordiguistas defendem é a mesma de Bordiga. Tal como afirma Bourrinet: “Para la izquierda italiana, sin partido revolucionario no podía haber revolución” (Bourrinet, 2007, p. 140). Em que pese a noção de partido fosse leninista, os bordiguistas não



pouparam críticas à política leninista dentro da III Internacional com a ideia de bolchevização dos partidos comunistas pelo mundo, a prática de criação de células do partido, criticaram o centralismo democrático etc. Defendiam a ideia de centralismo orgânico, segundo a qual não haveria na Internacional uma federação de partidos comunistas, mas sim, um único partido comunista internacional com ramificações em vários países do mundo. Mas o que é central aqui é assinalar a profunda divergência entre a tendência bordiguista e a conselhistas, neste período, no que se refere ao partido político.

Mattick, criticando a concepção de Lênin acerca do partido político e a maneira como este via a questão das manifestações espontâneas do proletariado, ou seja, independentemente do partido e muitas vezes contra este, afirma:

Assim, quanto mais forte se revelasse o movimento espontâneo mais necessário era limitá-lo e dirigi-lo, incumbindo essa missão, segundo Lênin, a um partido hierarquizado e agindo em função de um plano de conjunto. Para Lênin era sempre imperioso defender os operários contra os seus próprios impulsos, caso contrário, e devido à sua ignorância, seriam levados à derrota, gastando em vão as forças e abrindo caminho à contrarrevolução (Mattick, 1977, p. 92).

A maneira como os conselhistas abordam a questão do partido sempre passa por esta questão de fundo, ou seja, de o partido político ser um grande empecilho ao desenvolvimento espontâneo das massas laboriosas em luta. E é um empecilho, justamente por que compõe uma classe social distinta e oposta ao proletariado. Quanto mais se desenvolve o capital, o Estado burguês, o parlamentarismo e a democracia que via de regra o acompanha, mais estas instituições se tornam poderosas e autônomas em relação ao proletariado e às demais classes oprimidas da sociedade moderna. Pannekoek (1977) dedica todo um capítulo de seu livro para criticar a prática e a ideologia dos partidos socialdemocrata e comunista. Tal como os demais conselhistas, enfatiza a questão de a organização (partido) se tornar um poder sobre os trabalhadores, portanto independente e contra estes. Por mais que em seus discursos falem em nome dos



operários, dos camponeses etc., sua prática como partido político só expressa efetivamente a existência e os interesses de classe da burocracia partidária.

Pannekoek é claro quanto a isto quando afirma:

A burocracia del partido y la de los sindicatos se convirtieron en un grupo social con sus condiciones de vida propias, mucho más seguras que las de los obreros , y realizando tareas que ya nada tenían que ver con el trabajo de un obrero. *Tenían suficientes miembros para formar una especie de clase social, con sus concepciones e intereses propios, ligada a la clase de los intelectuales y los funcionarios de la sociedad burguesa* (Pannekoek, 1977, p. 216). (grifos meus)

Ou seja, os partidos tornaram-se, com o desenvolvimento do capital, poderosas instituições que desenvolvem de maneira generalizada a classe social burocrática e que, portanto, se opõem ao proletariado, justamente por que desenvolvem interesses, concepções, modo de vida etc. distintos e opostos aos do proletariado. O mesmo se dá com relação aos sindicatos. A posição dos bordiguistas já não é tão unívoca quanto com relação ao partido. Seu posicionamento oscilou entre a aceitação da participação nestes organismos, mesmo reconhecendo suas limitações, à total recusa da organização sindical, identificando-a como mera organização burguesa. A primeira perspectiva defende a ideia segundo a qual os sindicatos são organizações importantes para a luta de classes do proletariado na medida em que se encarrega das lutas cotidianas, de reivindicações econômicas. Ou seja, a partir dos sindicatos, o proletariado jamais chegaria a uma prática revolucionária, tal como defendem o anarcossindicalismo e o sindicalismo revolucionário. Esta se daria somente por intermédio do partido. A segunda defende a tese segundo a qual os sindicatos são meras organizações burguesas e não têm nenhum valor na luta do proletariado em busca da sua emancipação. Esta leitura dentro da tendência bordiguista veio principalmente da fração belga da esquerda italiana, pois de acordo com Bourrinet esta sofreu um pouco de influência da esquerda germano-holandesa no que se refere à questão sindical.



Deste modo, a posição da tendência bordiguista neste período, no que se refere à questão sindical não é unitária, aproximando-se e afastando-se simultaneamente dos conselhistas, que viam nos sindicatos apenas uma organização completamente enquadrada dentro dos limites e condições de reprodução burguesas. Não são outra coisa senão os responsáveis por negociar o valor da força de trabalho, reproduzem a relação dirigentes/dirigidos, são compostos por uma burocracia que se apropria de parte do mais-valor produzida pelo proletariado⁴ etc. Ainda Sobre os sindicatos, só a título de ilustração, veja o que afirma o KAPD, nos debates do III Congresso da III Internacional:

El camarada Zinoviev nos dijo ayer que, actualmente, los Estados capitalistas mantenían sometida la clase obrera no sólo por la espada, sino también por la mentira. Y este aparato, este aparato de Estado de la mentira que mantiene aún de modo duradero la clase obrera en la opresión, está constituido hoy por los viejos sindicatos (KAPD, 2004, p. 249.)

Com relação à avaliação da revolução russa, como já notamos, os grupos “*Réveil Communiste*” e “*L’Ouvrier Communiste*” chegaram, pela grande influência que tinham da esquerda germano-holandesa à ideia de que a revolução russa havia chegado ao fim em 1921 com a publicação da NEP. Entretanto, para a esquerda italiana subsequente, nos anos de 1920 e 1930, a identificação da Rússia como sendo um país capitalista de Estado era mais complicada. Não podia conceber que a Rússia fosse capitalista, pois isto colocaria em cheque o partido bolchevique e o “Estado operário”. Não admitia que na Rússia houvesse uma classe dominante, a burocracia era no máximo uma camada parasitária. Para a esquerda italiana, os “desvios” burocráticos da URSS deviam-se não à existência de um capitalismo de Estado, mas sim ao fato de a contrarrevolução mundial impedir o avanço da revolução que se instalou na Rússia. É claro que este é um subterfúgio para não reconhecer o caráter contrarrevolucionário do bolchevismo.

⁴ Isto pode ser observado em Bricianer (1975), o qual faz uma coletânea dos textos de Pannekoek, Pannekoek (1977; 1975); KAPD (1972), também a coletânea organizada por Authier e Dauvé (2004), entre vários outros textos.



Mas era inevitável não considerar os acontecimentos internos da Rússia para explicar seu desenvolvimento em direção ao capitalismo de Estado. Foi de fato o caminho que percorreu a esquerda italiana. Afirmam em seu periódico *Octubre* em 1939: “la industria estatal muy bien puede metamorfosearse en capitalismo de estado, en una negación brutal de la classe obrera, sin que por ello sea necesario reafirmar el régimen burgués de la propiedad privada” (Octubre citado por Bourrinet, 2007, p. 151).

Os conselhistas apontam o caráter burguês da revolução russa desde 1920, quando Pannekoek (2007) a qualificou de blanquista, Gorter (2004) de Jacobina, Wagner (2007) de burguesa etc. Todos os outros conselhistas dirigiram várias críticas ao regime que se estabeleceu na Rússia após o golpe de Estado de outubro de 1917. Em que pese haja um conjunto de determinações que expliquem todo o processo que se desenvolveu na Rússia, ou seja, o fato de lá ser um país que ainda não tinha completado o desenvolvimento burguês das forças produtivas, a I Guerra Mundial, a derrota do proletariado em escala internacional, elementos todos que compuseram o processo, é, sobretudo, a dinâmica da luta de classes na Rússia, o que vai determinar fundamentalmente seu caráter. Tal como demonstra Brinton (1975) foi a ação do partido bolchevique, após tomar o poder de Estado em outubro de 1917, que a pouco e pouco, de forma violenta, foi retirando dos *soviets* todo o poder de decisão e controle sobre as relações de produção e sobre o conjunto da sociedade. Este processo se completa em 1921, quando o partido, em seu 10º Congresso, conseguiu aprovar a eliminação de toda e qualquer forma de oposição, tanto dentro quanto fora do partido. Assim, todas as oposições foram eliminadas politicamente, quando assim se conseguia, e fisicamente, quando a eliminação política não era suficiente. O massacre dos marinheiros de Kronstadt, muito bem analisado por Arvon (1994) é uma demonstração cabal deste processo.

A perspectiva bordiguista desenvolveu-se, mas mantendo sempre alguns de seus princípios. Dentre eles o principal foi sua interpretação com relação ao modo de



produção capitalista: sua dinâmica e sua superação. Com relação à análise dos partidos, sindicatos etc. as interpretações variam. Ora defendem a participação nos sindicatos, ora não; ora concordam que o partido é a única forma de se chegar à revolução proletária, ora são críticos ardorosos desta organização etc.⁵.

Agora, com relação à leitura da transformação capitalista no modo de produção comunista, entendem que este emerge da “crise final” do capital, como falava Bordiga ou da “caducidade do valor” como fala Barrot (Viana, 2001). O bordiguismo centra sua análise no movimento do capital. Centra sua leitura no mais-valor e na reprodução ampliada do capital e suas contradições. Identifica que o capitalismo tende a se autodiluir, ou seja, vê a destruição do capitalismo, mas não consegue enxergar a construção do comunismo ou da autogestão social. De acordo com Viana: “com o bordiguismo corremos o risco de compreender o movimento do capital, mas não o engendramento do comunismo” (Viana, 2001, p. 33).

Neste âmbito, a relação dos bordiguistas com os conselhistas é polêmica. Authier (1975) afirma que:

O movimento comunista alemão [conselhismo] limitou-se à afirmação e à análise das suas táticas, assim como à defesa de formas de organização que considerariam e deveriam necessariamente considerar o movimento revolucionário proletário situado nas condições do capitalismo de então, cuja expressão dominante (do ponto de vista do revestimento técnico que envolve as diferentes fases de desenvolvimento da relação social capital) era a grande empresa, o capital produtivo e o seu ciclo (Authier, 1975, p. 14).

E acrescenta logo em seguida:

(...) a ideologia do conselhismo de autogestão, a qual se limita a adorar a ideia dos conselhos e não pensa libertar o proletariado da sua condição proletária, impondo-lhe apenas o trabalho suplementar de gerir a sua própria miséria (Authier, 1975, p. 15).

⁵ Uma variante crítica dos partidos e sindicatos mais atual, dentro do bordiguismo, pode ser encontrada em (Barrot, 1975), (Barrot & Martin, 2006), Bourrinet (2007; 2007a), (Authier, 1975) etc.



E encerra sua concepção: “A reafirmação do conteúdo do comunismo constitui a tarefa do momento atual. O conselhismo e a autogestão tornaram-se hoje a ideologia dos capitalistas conscientes” (Authier, 1975, p. 15). O grande problema é que em momento algum consegue dizer que conteúdo é este. O bordiguismo na sua variante moderna mais crítica não consegue sair do aspecto de crítica do capitalismo. Na verdade, a afirmação do conteúdo do comunismo é somente a afirmação da crítica do capitalismo. Isto é tão verdadeiro que vemos em (Barrot & Martin, 1997) a seguinte afirmação tratando da obra de Bordiga: “em 1960, ele afirmou que toda a obra de Marx era uma descrição do comunismo. Este é, indubitavelmente, o comentário mais profundo feito sobre Marx” (Barrot & Martin, 1997, p. 154).

Se Marx afirmou que o comunismo é o movimento que abole a sociedade capitalista, ou seja, define-o através de uma negação, também afirmou que a Comuna é forma historicamente encontrada pelo proletariado no sentido da constituição do “autogoverno dos produtores”, ou seja, definiu o comunismo através de uma afirmação positiva. O que os bordiguistas veem no movimento comunista é simplesmente, o que não é pouco, o caráter de negação comunista da sociedade capitalista. Entretanto, não conseguem vislumbrar positivamente o processo de engendramento do comunismo.

É precisamente neste aspecto que a perspectiva conselhistas só pode se estabelecer em polêmica com o bordiguismo. Os conselhos operários não são uma forma de “gerir a sociedade capitalista”, tal como Barrot e Martin afirmam, nem muito menos são para o proletariado um “trabalho suplementar de gerir a sua própria miséria”, como afirma Authier. Muito pelo contrário, os conselhos operários são simultaneamente a negação da sociedade capitalista e a afirmação positiva do comunismo; em outras palavras, são os órgãos de luta do proletariado no processo de destruição do capitalismo e os embriões dos órgãos de gestão coletiva da sociedade comunista ou autogerida.

É claro que não se trata aqui de fazer uma exaltação da forma-conselho, pois tal como Pannekoek já havia alertado, os conselhos operários não são uma forma pronta



e cristalizada, que só precisaria de alguns acertos para melhorar, trata-se de um princípio e este é o da autogestão social, ou seja, o domínio da vida como um todo pelos produtores livremente associados. Se os conselhos se corrompem, tal como ocorreu com vários deles durante a revolução alemã de 1918 a 1921 ou se burocratizam, como ocorreu com os soviets russos devem ser duramente combatidos. Deste modo, quando falamos em conselhos operários, não apresentamos uma fórmula pronta e acabada, mas sim um princípio segundo o qual os trabalhadores em luta tomam em suas mãos seu destino e se autoeducam no sentido de se tornarem seres conscientes para a organização da vida em sua totalidade e plenitude na sociedade futura.

Referências

- ARVON, Henri. *A Revolta de Kronstadt*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- AUTHIER, Denis. Para a história do movimento comunista na Alemanha de 1918-1921. In: AUTHIER, Denis. (org.). *A esquerda alemã (1918-1921)*. Porto: Afrontamento, 1975.
- AUTHIER, Denis e DAUVÉ, Gilles. *Ni parlamentos, ni sindicatos: los consejos obreros! Los comunistas de izquierda en la revolución alemana (1918 – 1921)*. Barcelona: Espartaco Internacional, 2004.
- BARROT, Jean e MARTIN, François. *Eclipse e re-emergência do movimento comunista*. Disponível em: <http://geocities.com/autonomia.abvr>, acesso em 10/05/2006.
- BORDIGA, Amadeo. A constituinte? In: TRAGTENBERG, Maurício. *Marxismo heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 177-180
- BORDIGA, Amadeo. Réplica a Lênin sobre o problema do abstencionismo, no segundo congresso mundial. In: TRAGTENBERG, Maurício. *Marxismo heterodoxo*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 197-198

Marxismo



Marxismo e Autogestão, Ano 01, Num. 02, jul./dez. 2014

BOURRINET, Philippe. *La izquierda comunista de Itália (1919-1999): historia de la corriente "bordiguista"*. Disponível em: <http://www.left-dis.nl>, acesso em 15/11/2007.

BOURRINET, Philippe. *Los consejos obreros en la teoria de la izquierda comunista holandesa y alemana*. Disponível em: <http://www.left-dis.nl>, acesso em 15/11/2007a.

GORTER, Herman. *Carta abierta al camarada Lenin*. Barcelona: Espartaco Internacional, 2004.

GOMBIN, R. *As origens do esquerdismo*. Porto: Afrontamento, 1972.

KAPD. Programa do "Partido Comunista Operário da Alemanha" – KAPD. In: AUTHIER, Denis. *A esquerda alemã (1918-1921)*. Porto: Afrontamento, 1975

MATTICK, Paul. *Integração capitalista e ruptura operária*. Porto: Afrontamento, 1977.

BRINTON, Maurice. *Os Bolcheviques e o Controle Operário*. Porto: Afrontamento, 1975.

PANNEKOEK, Anton. *Los Consejos Obreros*. Barcelona: Zero, 1977

PANNEKOEK, Anton. *Conselhos operários*. in: *Conselhos Operários*. Coimbra: Centelha, 1975.

PANNEKOEK, Anton. *Los Consejos Obreros*. Madrid: Zero, 1977.

PANNEKOEK, Anton. *O novo blanquismo*. Disponível em: <http://www.geocities.com/autonomiabvr>, acesso em 13/11/2007.

RÜHLE, Otto. *A Luta Contra o Fascismo Começa pela Luta Contra o Bolchevismo*. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/ruhle/1939/09/luta-contra-fascismo.htm>, acesso em 24/11/2007.

VIANA, Nildo. Bordiguismo, conselhismo e nós. *Revista Ruptura*, Goiânia, ano oito, nº 07, p. 32-41, ago. 2001.

WAGNER, Helmut. *Teses Sobre o Bolchevismo*. Disponível em: <http://www.geocities.com/autonomiabvr/>, acesso em 13/11/2007.